

A Fonoestilística como recurso na nomeação dos personagens em Guimarães Rosa

*The Phonoestilistic as a
resource in the nomination of
the characters in Guimarães
Rosa*

Acsa de Sales Albuquerque de SOUSA (UFC)
acsaalbuquerque@outlook.com

Amanda Andrade de MENEZES (UFC)
amandamandrade@gmail.com

Recebido em: 14 de maio de 2019.
Aceito em: 12 de jul. de 2019.

SOUSA, Acsa de Sales Albuquerque de; MENEZES, Amanda Andrade de. A Fonoestilística como recurso na nomeação dos personagens em Guimarães Rosa. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 174-192, set-dez/2019.

Resumo: Os estudos sobre a expressividade da língua vêm desde a Grécia e a Roma antigas, mas apenas no século XX foram apresentados como uma disciplina por Bally, sob a denominação de Estilística. Nesta pesquisa, damos enfoque ao âmbito dessa ciência que estuda os sons e, tendo como base teórica Monteiro (2006) e Martins (1997), objetivamos analisá-los como um recurso empregado na nomeação dos personagens do autor modernista Guimarães Rosa, a partir da análise do potencial expressivo dos fonemas. O corpus utilizado é composto por dezessete contos, os quais estão reunidos na obra *Primeiras histórias*, do autor referido. Com o intuito de observar se Guimarães Rosa utiliza a Fonoestilística como um recurso na nomeação dos personagens, os contos analisados são apenas aqueles em que os personagens apresentam nomes próprios. Por meio da análise realizada, foi possível constatar a relação direta entre as características dos personagens e a expressividade oriunda dos fonemas que formam os seus antropônimos, levando-nos à conclusão de que Rosa utiliza-se de aspectos fonoestilísticos na realização do processo de denominação, de modo a apresentar a caracterização dos seus personagens por meio dos seus nomes.

Palavras-chave: Fonoestilística.
Primeiras histórias. Guimarães Rosa.

Abstract: The studies about the language's expressivity exist since the old Greece and Rome, but only in the twenty-century they were introduced as a subject by Bally, with the name of Estilistic. In this research, we are going to enfoque the part of this science that studies the sounds and, having Monteiro (2006) and Martins (1997) as theoretical bases, we objected to analyse them as a resource used in the denomination of the characters by the modernist author Guimarães Rosa, through the analysis of the expressive potential of the phonemes. The *corpus* that is been used is composed of seventeen tales, that are reunited in the work *Primeiras estórias* from the mentioned author. With the purpose of observing if Guimarães Rosa uses the Phonoestilistic as a resource in the denomination of the characters, the tales that have been analysed are just the ones that the characters have own names. Through the analysis, it was possible to notice the direct relation between the characteristics of the characters and the expressivity of the phonemes that compose their anthroponyms, taking us to the conclusion that Rosa uses the phonoestilistics aspects in the process of intitulation, in a way that presents the characterization of their characters through their names.

Keywords: Phonoestilistic. *Primeiras estórias*. Guimarães Rosa.

Introdução

Os estudos sobre a expressividade da língua vêm desde a Grécia e a Roma antigas, com Aristóteles e Quintiliano. No entanto, foi apenas Bally, no século XX, quem sistematizou tais estudos e os introduziu como disciplina, sob a denominação de Estilística.

Nesta pesquisa, damos enfoque ao âmbito da Estilística que busca estudar os sons. Essa área, segundo Martins (1997):

Também chamada de Fonoestilística, trata dos valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e nos enunciados. Fonemas e prosodemas (acento, entoação, altura e ritmo) constituem um complexo sonoro de extraordinária importância na função emotiva e poética. (MARTINS, 1997, p.26).

A *Estilística* (MONTEIRO, 2006) e *Introdução à Estilística* (MARTINS, 1997)¹ são exemplos de obras que versam sobre os sons estilísticos, abordando o vasto campo explorado pela fonoestilística e a expressividade dos aspectos fonéticos, como as caracterizações dos fonemas vocálicos e consonantais.

No entanto, há uma lacuna no que diz respeito ao estudo sobre a utilização dos sons estilísticos na nomeação de personagens de livros literários. Desse modo, detemo-nos nessa temática, buscando aplicá-la à obra *Primeiras Estórias*, do autor modernista Guimarães Rosa, o qual possui como característica inerente às suas obras a expressividade

¹ Salientamos, ainda, que a obra *Recado do Nome: leituras de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*, de Ana Maria Machado, pode complementar os apontamentos aqui realizados sobre a análise dos nomes dos personagens em *Primeiras Estórias*.

advinda do seu uso distinto da linguagem. A obra analisada foi publicada originalmente em 1962 e reúne 21 contos. No entanto, os contos analisados são apenas aqueles em que os personagens apresentam nomes próprios. Portanto, não são analisados os contos “As margens da alegria”, “Terceira margem do rio”, “O Espelho” e “Os Cimos”, por não apresentarem nomes próprios como identificação das personagens.

Supomos que Rosa, ao realizar a nomeação dos personagens, não o faz de modo aleatório, mas, ao contrário, utilizando-se de recursos fonoestilísticos, opta pela construção dos nomes com o intuito de, a partir da expressividade dos fonemas, apresentar características dos personagens.

Apresentamos, em seguida, a fundamentação teórica da pesquisa, e, em seguida, a análise fonoestilística dos nomes dos personagens da obra referida e a expressividade advinda deles, para, por fim, expor as considerações finais.

A Estilística e a sua trajetória

Segundo Martins (1997), a Estilística é uma disciplina voltada aos fenômenos da linguagem e tem por objeto de estudo o estilo. Este, contudo, possui inúmeras tentativas de definição. Georges Mounin (1971), por exemplo, classifica-as em três grupos: 1) as que consideram estilo um desvio da forma; 2) as que o entendem como elaboração e 3) as que o julgam como conotação.

Nessa pesquisa, consideramos estilo da mesma forma que o grupo 1, uma vez que, para caracterizar e particularizar o elemento textual, ou seja, para exprimir um estilo a ele, faz-se necessária uma fuga ao padrão, o que, por conseguinte, gera, para além do prazer estético, uma nova gama de significação ao texto. Dubois *et al.* (1970) classifica os desvios — a partir dos quais a referida fuga ocorre —, ou metáboles, em quatro tipos: metaplasmos, metaxes, metassememas e metalogismos, os quais atuam, respectivamente, na ordem da palavra, da sintaxe, da semântica e da lógica.

É importante apontar que a trajetória percorrida pelos estudos estilísticos é longa. Monteiro (2006) aponta que, após os estudos estilísticos ganharem foro de disciplina, por meio de Bally, no século XX, passaram a ser subdivididos em diferentes vertentes, como a estruturalista, proposta por Rifaterre, a gerativa, fundamentada por Ohman e a retórica, da qual um dos pesquisadores centrais é Dubois. Cita-se, ainda, a Estilística poética, amplamente divulgada por Jakobson e a semiótica, estabelecida por Blanchard.

A Fonoestilística e a expressividade dos sons

Martins (1997) classifica a Estilística em Estilística do som, Estilística da palavra, Estilística da frase e Estilística da enunciação. Como já salientado, nosso enfoque são os valores expressivos do som que podem ser observados nas palavras e nos enunciados.

Para a autora, tal expressividade se deve à articulação dos fonemas e às suas especificidades no tocante ao timbre, à altura, à duração e à intensidade. Entretanto, as ideias sugeridas pelos fonemas só são relevantes caso correspondam à significação das palavras ou das frases (MARTINS, 1997). Dessa forma, se a expressividade não tiver como um fim a significação, o seu valor é nulo. Acerca disso, Martins (1997, p. 47) afirma que:

Quando não há nenhuma correspondência entre o significante e o significado, os sons e a articulação da palavra têm expressividade zero, havendo então a “arbitrariedade” da palavra, conforme Saussure. Havendo alguma correspondência, há a “motivação sonora”, uma das propriedades da linguagem poética.

Acerca do potencial expressivo dos fonemas, Monteiro (2006) afirma que não são os fonemas em si mesmos, enquanto entidades abstratas, que possuem a capacidade de sugerir algo, mas sim os traços que os definem. O autor aponta, também, que os efeitos expressivos seguem a divisão dos fonemas em consonantais e vocálicos, de modo que estes intensificam as sensações visuais (cor, forma etc.) e os traços afetivos decorrentes delas, ao passo que aqueles se relacionam às sensações de demais espécies, como auditivas, tácteis e cinéticas.

Análise

A seguir, apresentamos a análise dos contos que constituem o *corpus*, na qual nos detemos, no tocante a cada um, em expor uma síntese do enredo e em analisar o potencial expressivos de fonemas que compõem os nomes dos personagens, para, por fim, contrastá-lo com as características destes, as quais Rosa delineia durante a narrativa.

Famigerado

O conto *Famigerado*, narrado em primeira pessoa por um médico do sertão, relata um caso cômico, em que ele é abordado por Damázio, um cavaleiro “com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo”

(ROSA, 1977, p. 8), cujo objetivo era descobrir o significado do termo “famigerado”, haja vista ter sido denominado desse modo por um indivíduo do Governo. O médico, em prol de zelar pela vida deste e pela sua própria, omitiu a conotação negativa do vocábulo, indicando-lhe o significado como “célebre”, “notório”, “notável” (ROSA, 1977, p.11), atitude pela qual o cavaleiro fica deveras grato.

A construção do nome *Damázio Siqueira* coincide com a sua construção como personagem, uma vez que estão presentes fonemas que expressam força e fraqueza, o que equivale, respectivamente, no tocante ao personagem, à sua força física e à sua falta de conhecimento. Esta é expressa a partir de fonemas que expressam suavidade, como as alveolares /s/, /z/, e a nasal /m/ e aquela, por meio da consoante oclusiva sonora /d/, cuja expressividade é de força. Ademais, a vibrante /r/ também sinaliza para a falta de conhecimento do personagem, uma vez que a sua expressividade aponta para aspereza, que, nesse caso, faz referência ao caráter rude do personagem como consequência da sua ignorância.

Sorôco, sua mãe, sua filha

A partir de um narrador em terceira pessoa, o conto enfoca a solidariedade e a compreensão das pessoas frente ao sofrimento de outrem. Essa temática é abordada por meio do relato da internação da filha e da mãe de Sorôco, personagem principal, haja vista elas não serem lúcidas, o que gera grande pesar em um homem que ali está. Ao observar o sofrimento do Sorôco, em um ato de solidariedade, as pessoas que acompanharam o ocorrido juntaram-se a ele em um canto — sem sentido — idêntico ao que as mulheres entoaram ao se dirigirem ao trem e, ainda, acompanharam-no até a sua residência.

O conto apresenta cinco personagens: Sorôco, sua mãe, sua filha, Nenêgo e José Abençoado. O nome atribuído ao personagem Sorôco coincide com sua descrição no conto, uma vez que apresenta apenas vogais fechadas, que, segundo Monteiro (2006), evocam sentimentos de tristeza e de amargura, o que condiz com o seu estado frente à partida da sua filha e mãe. Além disso, faz-se presente o fonema /r/, o qual expressa aspereza, o que está presente no caráter do personagem, uma vez que ele é descrito como “brutalhudo”, neologismo que evoca a palavra “brutal”. O nome “Nenêgo” também está de acordo com a sua construção enquanto personagem, haja vista possuir a consoante

[n], que, segundo Martins (1997, p. 37), expressa “suavidade, doçura e delicadeza”, o que está presente no personagem, já que ele é descrito como “animoso”. A sua associação à intonação é expressa pelo fechamento da vogal /e/, característica que evoca tristeza. Por fim, a denominação do personagem José Abençoado condiz com a sua caracterização, pela abertura das vogais /e/ e /a/ e pela presença do fonema /s/, que fazem referência à suavidade e a características positivas, como a “cautela” do personagem.

A menina de lá

Por meio de um narrador-testemunha, o conto relata a breve vida de Maria, uma criança de quase quatro anos que era conhecida por “Nhinhinha” e que era possuidora de poderes sobrenaturais. Esta é descrita como “miúda, cabeçoduta e com olhos enormes” (ROSA, 1977, p. 17) e dona de “perfeita calma, imobilidade e silêncios” (ROSA, 1977, p. 17). No entanto, a criança é apresentada também como incomum, uma vez que os seus pais não compreendiam as suas falas, devido ao fato de elas serem sem nexos. O conto apresenta os milagres realizados pela criança, os quais se dividem em desejos de relevância irrisória, mas também de notável importância. O fim da história apresenta a morte de Nhinhinha, que dantes já havia dado sinais de que ocorreria.

Apenas a protagonista do conto e a sua tia — “Tiantonia” — são nomeadas. A designação daquela condiz com a sua caracterização, haja vista ambas apresentarem noção de pequenez, tanto no sentido de tamanho literal, uma vez que a protagonista é descrita como “miúda”, quanto no tocante ao seu pouco falar e à sua idade. Essa noção é expressa pela repetição da vogal /i/, que, devido ao “estreitamento bucal na [sua] produção” (MARTINS, 1997, p. 30), possui a expressividade de pequenez e de estreitamento. Apesar de não ser possível realizar uma caracterização aprofundada da tia da personagem, é possível apontar a relação do seu nome com as suas atitudes descritas no conto. A presença da consoante oclusiva surda /t/, que expressa força e violência, tem relação com o momento em que a personagem é dura com a sobrinha, como evidencia o seguinte trecho: “Mas houve que, a certo momento, Tiantonia repreendesse a menina, muito brava, muito forte, sem usos (...)” (ROSA, 1977, p. 20). Ademais, a nasalidade oriunda da vogal /n/ expressa melancolia, o que tem ligação com o estado emocional de Tiantonia após o falecimento da protagonista.

Os irmãos Dagobé

Guimarães Rosa, nesse conto, apresenta acontecimentos ocorridos no velório de Damastor Dagobé, que foi assassinado em legítima defesa por Liojorge, sendo a vítima o primogênito de um grupo de quatro irmãos, os quais são: Derival, Doricão e Dismundo. Estes são descritos como “facínoras” e, popularmente, são conhecidos como “gente que não prestava”. Viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-finado. Este fora o grande pior, o cabeça, ferrabrás e mestre, que botara na obrigação da ruim fama os mais moços — “ ‘os meninos’, segundo o seu rude dizer”. (ROSA, 1977, p. 22). Devido à violência como característica dos irmãos em questão, acreditava-se que eles cometeriam vingança em retaliação à morte do seu congênere. No decorrer do velório, o assassino, descrito como quieto, “pacífico e honesto (...) estimado de todos” (ROSA, 1977, p. 22), evidencia o seu desejo de ir ao encontro do grupo a fim de expor as suas condolências e a sua inocência frente ao acontecido, já que matara em legítima defesa. Sendo assim, o narrador aponta a crença da população no tocante ao iminente assassinato de Liojorge. No entanto, isso não ocorre. Nos momentos finais do conto, após o velório, um dos irmãos se direciona ao assassino do seu irmão, afirmando: “Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso irmão é que era um diabo de danado...” (ROSA, 1977, p. 26).

É possível observar características comuns aos quatro irmãos na sua nomeação como personagens e na sua caracterização enquanto tais: a descrição do grupo o apresenta como violento, forte e facínora, características presentes nas denominações a partir da consoante oclusiva sonora /d/ e, ainda, da consoante vibrante /r/, que, de acordo com Monteiro (2006), expressa sentimentos relacionados ao medo e à violência, sendo Dismundo exceção no tocante a esta última consoante. Além disso, o sobrenome comum a ambos os irmãos também possui tal expressividade por meio das consoantes /d/, /g/ e /b/. Outrossim, analisando, especificamente, a nomeação de cada irmão, é possível observar atributos referentes a cada um deles. Derval é descrito como diligente, e tal aspecto, por ser positivo, está expresso pela vogal /a/ e pela consoante /l/, que possui expressividade relacionada a sentimentos positivos e à leveza. Outrossim, o personagem Doricão tem em seu nome, por meio do fonema /k/, a representação de um momento de “quebra”, o qual corresponde ao falecimento do seu irmão e à sua consequente

posição de atual “chefe” do grupo concedida pela primogenitura. Por fim, o caçula Dismundo é caracterizado como sentimental, e isso é exposto por meio da suavidade expressa pela consoante /m/.

Pirlimpsiquice

O conto narra um episódio vivido pelo narrador, que é um dos personagens, durante a sua infância. O locutor da narrativa estudava em um colégio interno e, junto a alguns colegas, foi escalado para uma peça teatral — *Os filhos do Dr. Famoso*. No entanto, um grupo, liderado pelo personagem Gaboa, afirma conhecer a estória e ameaça proferir vaias durante a sua apresentação, motivos pelos quais os encenadores criam uma terceira narrativa. No dia da apresentação, contudo, o personagem principal não pôde encenar, e o narrador, por ser o ponto, foi escolhido para substituí-lo. Entretanto, o personagem não recorda uma de suas falas e a plateia profere inúmeras vaias. Um dos atores, em reação a esse cenário, dá início à encenação da referida terceira história e os demais o acompanham. O espetáculo é bem-sucedido e, portanto, aplaudido pelo público, sendo necessária a intervenção do narrador para encerrá-lo.

A história apresenta figurantes cuja caracterização não pode ser depreendida devido à sua limitada aparição. Contudo, no tocante a alguns personagens, é possível realizar tal caracterização com base em alguns fatos apresentados. O personagem Alfeu, por exemplo, é apresentado como uma criança deficiente que era capaz de “deslizar ligeiro por corredores e escadas, feito uma cobra” (ROSA, 1977, p.35), movimento representado no seu nome pela consoante /l/, que, de acordo com Monteiro (2006), possui a expressão cinética de deslizamento e de fluência. O “Dr Perdigão” e o “Surubim” são apresentados como autoridades, os quais valorizavam o rigor e a disciplina. Tais aspectos são expressos nos seus nomes por meio da presença dos fonemas /d/, /p/ e /b/, que fazem menção a elementos pesados, que, no caso dos personagens, condizem com a postura adotada por eles.

Os personagens Darcy e “Ataualpa” são caracterizados como “decididos e respeitados”; tal caracterização está expressa nas suas respectivas denominações a partir da vogal /a/, pela sua expressividade ser voltada a qualidades positivas. Ademais, “Tãozão” e “Gamboa” são apresentados como crianças más, o que é expresso nos seus nomes pelas consoantes oclusivas /d/ e /t/. Outrossim, o personagem “Zé Boné” é exposto como um indivíduo basbaque e que realizava inúmeras

brincadeiras. Desse modo, a sua expressividade está baseada na abertura da vogal /e/, que é relacionada à alegria, característica do personagem em questão, tendo em vista as suas constantes brincadeiras. Por fim, “Mão-na-Lata” é descrito como uma criança forte e malcomportada e tais aspectos estão apresentados por meio da oclusiva surda /t/, cuja expressividade aponta para um elemento pesado.

Nenhum, nenhum

A narrativa relata a lembrança do narrador no tocante à estadia de um garoto, chamado “Menino”, em uma fazenda, na qual estão presentes outras quatro pessoas: Nenha, Homem, Moça e Moço. Os dois últimos estavam apaixonados, e Menino demonstra sentir ciúmes, uma vez que também possui sentimentos em relação à Moça, detentora de grande beleza, como é possível visualizar no trecho: “A mais formosa criatura que jamais foi vista, e não há fim de sua beleza.” (ROSA, 1977, p. 45) Contudo, o romance é desfeito, forçando a partida do Moço, o qual leva junto consigo o infante. Dentre os personagens mencionados, o único nomeado é Nenha, que:

Era uma velha, uma velhinha, (...) velhíssima. Tanto, tanto, que ela se encolhera, encurtara-se, pequenina como criança, toda enrugadinha, desbotada: não caminharia, nem ficava em pé, e quase não dava acordo de coisa nenhuma, perdida a claridade do juízo. (ROSA, 1977, p. 45)

Desse modo, é possível afirmar que a caracterização da personagem em questão coincide com a sua nomeação, devido à expressividade relacionada à nasalidade, já que, segundo Martins (1997, p. 32,33), a “ressonância nasal torna as vogais aptas a (...) sugerir (...) moleza, lentidão”, características oriundas do estado de velhice de Nenha.

Fatalidade

O conto apresenta a busca de justiça por parte do agricultor José Centralfe em relação a Herculião Socó, que tem assediado a sua esposa. O casal, devido ao assédio, muda de localidade; contudo, o crime persiste. Portanto, Centralfe busca o auxílio de um delegado, a quem o narrador se refere como “Meu Amigo”; no entanto, tal autoridade, ao invés de direcioná-lo sob as diretrizes da Lei, aconselha-o a assassinar o criminoso, conselho seguido pelo agricultor.

O narrador descreve o protagonista como “amante da lei” (ROSA, 1977, p.52), humilde, “miúdo e moído” (ROSA, 1977, p. 51). A sua humildade é apresentada no antropônimo do personagem por meio dos fonemas /s/ e /z/, cuja expressividade é de suavidade. A presença da fricativa /f/ relaciona-se com as fugas a que o personagem teve de se submeter, uma vez que esse fonema, segundo Monteiro (2006), aponta para “escapamento e fuga”. Ademais, a aspereza, tanto referente ao seu trato quanto às marcas na sua pele são expressas por meio da presença da consoante vibrante /r/. Essa consoante e a sua respectiva expressividade são observadas, também, na nomeação do personagem Herculião Socó, e é possível apontar que a recorrência da consoante oclusiva surda /k/ tem relação com a descrição da atitude de Socó, uma vez que ambas apontam para violência e força. Por fim, o personagem Joãozinho, ao ser contrastado com Herculião, é apresentado como merecedor de simpatia humana; portanto, depreende-se que era um indivíduo que tinha um proceder correto e justo, o qual é exposto no seu nome a partir do fonema /z/, que expressa suavidade.

Sequência

A estória em questão apresenta a tentativa do resgate de uma vaca, por parte de um rapaz — filho de Seu Rigerio, — que se configura como uma alegoria para a sua busca do amor, sendo este alcançado quando o rapaz entrega o animal como presente à sua pretendente.

As características dos personagens não são apresentadas de forma aprofundada, porém, é possível expor, de forma limitada, aspectos pontuais referente a eles. Quitério, por exemplo, por ter o título de major, possui uma posição elevada em sua comunidade. A presença dos fonemas /k/ e /t/ na sua denominação aponta para força, que, no caso desse personagem, é expressa a partir da relevância do seu cargo. Ademais, o figurante Tio Terêncio possui expressa no seu nome, por meio da vibrante /r/, a aspereza da sua fala, que se pode observar no seguinte trecho: “Meo fi’o, q’vaca qu’é essa?” (ROSA, 1977, p.56). Por fim, o personagem Seo Rigério é retratado como um indivíduo alto em estatura e áspero no trato, já que se refere à vaca como “diaba”; esta última marca é expressa, em seu nome, pela presença e acentuada pela repetição da vibrante /r/.

Nada e a nossa condição

O conto, narrado pelo sobrinho do Tio Man'Antônio, relata a triste história de seu tio, nobre fazendeiro, dono de terras e de bens, que tem sua vida transformada por causa da morte da esposa, Tia Liduína, mulher de “árdua e imemorial cordura” (ROSA, 2005, p. 121). A partir desse fato, Tio Man'Antônio enfrenta a dor da perda juntamente com as três filhas, as quais, depois de um tempo, casam-se e vão embora, deixando-o sozinho com os empregados. O nobre homem distribui suas terras e seus bens para os empregados e passa a viver sozinho na casa grande até o dia de sua morte.

A construção do nome Tio Man'Antônio condiz com a trajetória do personagem. O início da narrativa, em que o personagem ainda desfruta da presença da esposa, é representado no nome por fonemas que expressam alegria e amplitude, como a vogal /a/ e as consoantes nasais /m/ e /N/, que prolongam esses sentimentos. A sensação de forte ruptura, expressa pela oclusiva surda /t/, acompanhada da vogal posterior /ô/, que, segundo Martins (1997, p. 32), “sugere ideias de escuridão, tristeza, medo, morte”, são prolongadas pela presença da consoante nasal /N/, representando, assim, a morte repentina da sua esposa, e o início de uma fase triste e sozinha na vida do personagem.

O nome da personagem Tia Liduína apresenta fonemas que expressam leveza, como a consoante lateral /l/, bem como fonemas que expressam amplitude e iluminação, como a vogal /a/. Já a vogal /i/, na posição de sílaba tônica, representa agudez, que, segundo Morier (1975 *apud* MARTINS, 1997, p. 31), “pode ser de ordem moral, intelectual”; no caso, representa a alta moral da personagem, apresentada como uma mulher cordial e sensata.

O cavalo que bebia cerveja

O conto, narrado em primeira pessoa por Reivalino Belarmino, conta sua história como empregado do *seo* Giovânio, um italiano que vivia em uma chácara com seus cães. Reivalino tem aversão e repugnância pelo patrão, descrito como alguém recluso e de estranhos hábitos. Durante a narrativa, o empregado começa a se sensibilizar pela situação de vida do patrão, ao conhecer sua história. No final, o italiano morre e deixa a chácara para o agora amigo, Reivalino.

O narrador Reivalino Belarmino é o único personagem apresentado com nome e sobrenome, que expressam, de forma coerente, o seu caráter. Os fonemas /R/ e /b/, iniciais do nome e sobrenome do personagem, expressam aspereza e *pesadume*, representando a aversão e o desgosto que ele tinha pelo patrão. No entanto, as consoantes /v/ e /l/ expressam escapamento e leveza, sensações intensificadas pela vogal /a/, com ideia de amplitude e iluminação. Esses fonemas representam o outro momento da personalidade do personagem, sensível e simpaticamente com os sofrimentos e dores do patrão.

O nome do italiano Giovânio apresenta a palatal /j/, que, segundo Martins (1997, p. 36), “pode ligar-se à ideia de irritação, desgosto, desgosto”, no caso, relacionadas ao sentimento desagradável que o personagem provocava nas pessoas. O caráter individual, recluso, com ideia de fuga do convívio social é expresso pela consoante constritiva /v/ e a vogal alta /i/. Por fim, a vogal /o/, com sua forma arredondada, representa perfeitamente a aparência física do personagem, descrito como alguém de “grossas pernas” (ROSA, 2005, p. 131) e “em pança” (ROSA, 2005, p. 133).

Um moço muito branco

O conto relata a mudança que acontece em uma comunidade depois do surgimento de um moço muito branco, “mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz” (ROSA, 2005, p. 140), que tinha perdido “a completa memória de si, sua pessoa, além do uso da fala” (ROSA, 2005, p. 140). Ele aparece na fazenda de Hilário Cordeiro, homem “cordial para os pobres, temente e bom” que o hospeda. Um negro, “escravo meio alforrido” chamado José Kakende, logo se torna amigo do moço. Durante a narrativa, o moço conhece Duarte Dias, “homem de gênio forte, além de maligno e injusto” (ROSA, 2005, p. 141) e a filha dele, a “mais bela moça” (ROSA, 2005, p. 141), de nome Viviana. O fato curioso da narrativa é que o moço transforma as pessoas que conhece. Hilário Cordeiro experimenta uma prosperidade nos negócios e na saúde; Viviana, moça bela, mas triste, experimenta uma alegria por toda a vida depois que o moço branco coloca a mão em seu seio, e, por fim, Duarte Dias, que não gostava do moço no início da narrativa, enche-se de afeição por ele no final, e é transformado em um “homem sucinto, virtuoso e bondoso” (ROSA, 2005, p. 144). A narrativa encerra com o desaparecimento do moço e a saudade deixada por ele naquele lugar.

A construção do nome dos personagens Hilário Cordeiro, Duarte Dias, José Kakende e Viviana são coerentes com as personalidades e atitudes dos personagens no decorrer do conto. O nome Hilário Cordeiro apresenta fonemas que expressam amplitude, alegria e sentimentos agradáveis, como as vogais /i/ e /a/. Segundo Martins (1997, p. 36), “o deslizar, o fluir, o rolar, podem exprimir-se pelas constritivas laterais [l], [lh] e pelas vibrantes [R] e [r]”; no caso, os fonemas /l/, /R/ e /r/, expressam ideias de leveza e fluência. Assim, percebemos a bondade e a leveza de coração do personagem Hilário Cordeiro, sentimentos expressos pelos fonemas que constituem seu nome e sobrenome.

O nome “Duarte Dias” condiz com a trajetória do personagem. O nome “Duarte” apresenta fonemas que expressam força e escuridão, como a consoante oclusiva surda /d/ e a vogal fechada /u/, representando o gênio forte e maligno do referido personagem; a presença da consoante oclusiva surda /t/, acompanhada da consoante /R/, causa atrito, resultando em uma sensação de dura aspereza. O sobrenome Dias, no entanto, apresenta as vogais /i/ e /a/, acompanhadas da sibilante /s/, que expressam sensações agradáveis, iluminadas e suaves. Dessa forma, podemos observar que os sons do nome e sobrenome expressam a mudança vivenciada pelo personagem, que deixa de ser um homem de coração duro e injusto e se torna um homem “virtuoso e bondoso” (ROSA, 2005, p. 144).

Os sons que compõem o nome “José Kakende” condizem com a personalidade do personagem e seu papel no enredo. Os fonemas /a/ e /e/ transmitem ideias de alegria e de clareza, prolongadas pelo fonema /n/, sentimentos expressos pelo personagem no seu relacionamento de amizade com o moço muito branco. No final da narrativa, o personagem ajuda o moço a ir embora, auxiliando, assim, a quebrar a narrativa e mudanças que o moço vinha fazendo naquele lugar, situação expressa pelo fonema /k/, que se repete em duas sílabas seguidas, expressando a sensação de quebra ou de rachadura.

O nome Viviana também condiz com a trajetória da personagem. Os fonemas /v/, com ideia de escapamento e /i/, com ideia de estreitamento, expressam adequadamente o início do seu trajeto, descrita como uma mulher bela, porém triste, ou seja, possuidora de uma beleza frágil. No entanto, a personagem torna-se feliz no final da narrativa, sentimento expresso pelo fonema /a/, que se prolonga pelo fonema /n/, atestando que a felicidade não é passageira, mas duradoura.

Luas-de-mel

O conto, narrado em primeira pessoa por Joaquim Norberto, relata um episódio em que ele e sua esposa Sa-Maria Andreza abrigaram um jovem casal, que fugia dos pais pelo fato de não aceitarem sua união. Joaquim Norberto recebe vários amigos em sua fazenda para protegerem o casal, pois o pai da moça poderia aparecer a qualquer momento para lutar contra aquela união. No entanto, depois de casados na fazenda de Joaquim, o irmão da moça aparece para reatar os laços, mostrando que decidiu aceitar a união. Durante a narrativa, observamos que o amor do jovem casal inspira o narrador, Joaquim Norberto, que se reapaixona por sua esposa: “eu, feliz, olhei minha Sa-Maria Andreza; fogo de amor, verbigrácia. Mão na mão, eu lhe dizendo – na outra o rifle empunhado – : – ‘Vamos dormir abraçados...’” (ROSA, 2005, p. 150).

O nome da personagem Sa-Maria Andreza apresenta o fonema /a/, que, segundo Martins (1997, p. 30), “presta-se à transferência para ideias de clareza, brancura, amplidão, alegria, etc.”, juntamente com os fonemas /s/, /z/ e /m/, que expressam suavidade, representam a personalidade da personagem, uma mulher prestativa, santa e boa companheira.

O nome do personagem “Joaquim Norberto” apresenta as oclusivas surdas /k/ e /t/, que, segundo Morier (1975 *apud* MARTINS, 1997, p. 34), “convêm a sentimentos ligados às ideias de força e intensidade”, sentimentos que são reforçados pelo encontro dos fonemas /o/, /R/ e /b/, que causam um atrito, resultando na ideia de alguém forte e corajoso, características que podem ser encontradas na juventude do personagem e na disposição que ele tem, mesmo velho, em proteger o jovem casal. No entanto, já no fim da vida, ele é descrito como “quase de paz, o quanto posso” (ROSA, 2005, p. 145) um homem leal, sereno e afetuoso, ideias que são reforçadas pela nasalização da vogal /i/, que, segundo Martins (1997, p. 33), sugere “distância, lentidão, moleza, melancolia”.

O personagem seo Seotaziano é descrito como um homem forte, “de grande esfera, tigrado leão” (ROSA, 2005, p. 146), aspectos que condizem com as ideias de força e intensidade expressas pela oclusiva surda /t/. No entanto, o personagem é também alguém “justo e pão de bom, em nobrezas e formato” (ROSA, 2005, p. 146), características que condizem com as sensações de suavidade, amplitude e sentimentos agradáveis expressos pelos fonemas /s/, /z/, /e/ e /a/.

Partida do audaz navegante

O conto narra a história de três irmãs, Brejeirinha, Pele e Ciganinha, e seu primo Zito. As quatro crianças estão em casa durante uma manhã chuvosa, conversando e se divertindo. Brejeirinha começa então a contar uma história sobre um audaz navegante que decide viajar para conhecer outros lugares. Quando a chuva passa, todos vão juntos ao riacho, onde Brejeirinha dá continuidade à sua fantasiosa história. No final, todos ficam tristes pela partida do audaz navegante, e oferecem coisas, como lembranças, para ele.

A construção do nome da personagem Brejeirinha coincide com a personalidade da menina. As vogais anteriores /e/ e /i/, segundo Martins (1997, p. 31), “são próprias para exprimir sons agudos, estridentes”, juntamente com as consoantes /b/ e /r/, que exprimem ideias de barulho e ruído, condizem com o jeito agitado, arteiro e curioso da menina. Já o nome da personagem Pele apresenta os fonemas /l/ e /e/, que transmitem ideias de leveza e suavidade, representando, assim, a personalidade da personagem, alguém prestativa, diligente e que “sorria sempre na voz” (ROSA, 2005, p. 154). O nome da personagem Ciganinha apresenta o fonema /a/, com ideia de amplitude e grandeza, que, juntamente com a vogal alta /i/, com ideia de elevação e agudeza, sensações prolongadas pela vogal nasal /n/, representam o alto nível de beleza da personagem, descrita como “a menina linda no mundo” (ROSA, 2005, p. 154). Já o fonema /g/, com ideia de rachadura ou quebra, pode representar as pausas ou interrupções no relacionamento com seu primo. O nome do personagem Zito possui o fonema /t/, com ideia de intensidade, que, juntamente com a sibilante /z/, que expressa suavidade, representam de forma adequada o caráter do personagem, descrito como alguém leal e imaginativo, “sonhava-se ir embora, teatral” (ROSA, 2005, p. 155).

A benfazeja

O conto narra a história de uma mulher conhecida como Mula- Marmela, que tinha sido casada com Mumbungo, um criminoso que aterrorizava toda a cidade, e que tinha um filho chamado Retrupé, perverso e cruel como o pai. A vida da mulher muda totalmente depois que ela mata seu marido, pois passa a ser vista pelos moradores da cidade como uma mulher maldita. No entanto, o narrador procura convencer e

explicar que ela é, na verdade, uma benfazeja, pois a sua missão era tirar o mal daquele lugar. Assim, depois de executar o marido, passa a cuidar do filho dele, o agora cego Retrupé, que vivia de pedir esmolas pelos lugares, guiado pela Mula- Marmela. Mesmo sendo um personagem “maligno, com cara de matador de gente” (ROSA, 2005, p. 162), temia a “mulher que o guiava” (ROSA, 2005, p. 162), a qual, no fim da narrativa, acaba por matá-lo também, fato que sustenta a tese do narrador de que a missão daquela pobre mulher era limpar aquela cidade do mal.

A construção do nome que os moradores da cidade dão aos personagens é condizente com a personalidade deles. Mula-Marmela é descrita como alguém que “andava meio se agachando; com os joelhos para diante” (ROSA, 2005, p. 161), características que podem ser expressas pelos fonemas /m/ e /l/, que transmitem sensações de deslizamento, fluência, dando ideia de alguém que não tem sustentação corporal. Já o fonema /R/, com sensação de aspereza, expressa o ódio e desgosto que os moradores tinham por ela. O conflito entre a opinião do narrador, de que ela é uma mulher bondosa, e a opinião da cidade, que a vê como uma maldita, pode ser expresso pelo surgimento dos fonemas /u/, com ideia de escuridão, e o fonema /a/, com ideia de iluminação. Desse modo, as duas visões são colocadas em contraste, o claro e o escuro, a bondade e a maldade, “ela olha para tudo com singeleza de admiração. Mas vocês não podem gostar dela, nem sequer sua proximidade tolerem [...] dizem-na maldita: será; e?” (ROSA, 2005, p. 165).

Já o nome do personagem Mumbungo apresenta o fonema /m/, com ideia de ruídos e zumbidos, o fonema /b/ com sensação de pesadume e as vogais fechadas /u/ e /o/, que, segundo Monteiro (2006, p. 179), “dão a impressão de ambientes soturnos e evocam sentimentos de tristeza e amargura”. O nome do personagem é composto por sons fechados, que transmitem ideias sombrias e escuras, demonstrando, assim, a crueldade do personagem, “célebre-cruel e iníquo, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias. Esse [Mumbungo] nunca perdoou, emprestava ao diabo a alma dos outros. Matava, afligia, matava” (ROSA, 2005, p. 163).

O nome do cego Retrupé, filho de Mumbungo, apresenta as oclusivas surdas /t/ e /p/, que expressam força intensa, características que são encontradas no personagem, que é descrito como “grande, forte” (ROSA, 2005, p. 163). A sensação áspera do /r/ e a escuridão do /u/ representam a personalidade sombria e má do personagem, “homem maligno, com cara de matador de gente” (ROSA, 2005, p. 162) e “mal-agradecido, raivoso” (ROSA, 2005, p. 163).

Darandina

O conto narra um episódio em que um homem sobe no topo de uma palmeira e chama a atenção de toda a cidade. Vários tipos de pessoas aparecem para presenciar a atitude “louca” do personagem, que insiste em ficar no topo da árvore. Alguns personagens aparecem para desvendar o problema do homem, entre eles temos o professor Dartanhã, e o plantonista do hospício, Adalgiso. Depois de proferir várias declarações insanas, o homem retorna à lucidez e pede ajuda para descer da árvore, algo que os bombeiros prontamente fazem. No final, vemos o homem caminhando tranquilamente pela cidade, em seu estado equilibrado, como se não lembrasse do ocorrido.

Os personagens que apresentam nomes não possuem muitas descrições no conto. O professor Dartanhã aparece como um homem “magistralmente enfadado” (ROSA, 2005, p. 176), característica que pode ser expressa pela nasalização da vogal /a/, com ideia de lentidão e melancolia. Já o nome do personagem Adalgiso apresenta a palatal /j/, que expressa ideia de irritação e desgosto, representando, assim, seu caráter sério e “sisudo ele, o de sempre” (ROSA, 2005, p. 172).

Substância

O conto narra a história de amor entre Sionésio e Maria Exitá. A moça chega à fazenda de Sionésio, trazida por ele por pena, pois a moça tinha perdido toda sua família. Durante a narrativa, percebemos o empenho da moça em trabalhar em um “ingrato serviço, de todos o pior: o de quebrar, à mão, o polvilho, nas lajes.” (ROSA, 2005, p. 186). No final, finalmente Sionésio se declara para a moça, que também sentia o mesmo por ele.

A construção do nome dos personagens condiz com a personalidade deles. Maria Exitá é apresentada como uma moça bonita, “tão linda, clara, certa” (ROSA, 2005, p. 187), características que podem ser observadas nos fonemas /a/ e /i/, com ideias de elevação e amplitude, mostrando o alto nível de beleza da personagem. A presença do fonema /m/, com ideia de suavidade, representa a doçura da personagem. O nome do personagem Sionésio apresenta os fonemas /s/ e /z/, que expressam a suavidade na maneira que o personagem se comporta com Maria Exitá, de um modo afetuoso e cheio de amor. O jeito simples e calado do personagem pode ser expresso pelo fonema

/i/, com ideia de estreitamento. A personagem Nhatiaga não possui uma descrição detalhada, mas sua atitude piedosa em aceitar Maria Exita é expressa pelo fonema /a/, que exprime ideias de clareza, relacionada a sentimentos bons.

Tarantão, meu patrão...

O conto, narrado por João Dosmeuspés Felizardo, conta a história de uma viagem feita pelo seu patrão lô João-de-Barros-Diniz-Robertes. O empregado, preocupado por achar que a viagem é guiada pelo diabo, com intuito de vingança para com o sobrinho-neto do patrão, decide acompanhá-lo. Apesar de o patrão, já velho, apresentar vários sinais de loucura e caduquice, o empregado, pacientemente, cuida dele em todos os momentos.

O nome do personagem “João-de-Barros-Diniz-Robertes” apresenta as consoantes oclusivas /d/, /t/ e /b/, ligadas à ideia de força, o fonema /R/, que transmite ideia de aspereza, e o fonema /j/, que exprime sensações de desgosto e irritação, representam o caráter autoritário, “mandão” e rude do personagem. O fonema /i/, com ideia de elevação, pode indicar a altura do personagem, “o velho, circunspecto, alto” (ROSA, 2005, p. 196). Já o nome do personagem “João Dosmeuspés Felizardo” apresenta os fonemas /s/, /z/ e /m/, que exprimem suavidade, representando, assim, o caráter paciente do personagem, que, mesmo com todas as “loucuras” do patrão, lhe obedecia prontamente.

Considerações Finais

A partir das análises realizadas, observou-se que a expressividade dos fonemas dos nomes das personagens de Guimarães Rosa condiz com as características físicas e/ou psicológicas dos personagens, comprovando, assim, a hipótese inicial de que o autor utiliza a Fonoestilística como um recurso na nomeação dos seus personagens.

Dessa forma, conclui-se que a expressividade dos textos de Guimarães Rosa não se dá apenas pela estrutura das frases ou dos substantivos, mas também por meio da escolha dos sons que compõem os nomes de seus personagens.

Referências

DUBOIS, Jean *et alli*. **Rhétorique générale**. Paris: Larousse, 1970

MACHADO, Ana Maria. **Recado do Nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: T A Queiroz, 1997.

MONTEIRO, José Lemos de. **A Estilística**: manual de análise e criação do estilo literário. São Paulo: Pontes, 2006.

MOUNIN, Georges. **Clefs pour la linguistique**. Ed. rev. e corrigida. Paris: Seghers, 1971. [Trad. de José Meireles. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1970].

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 1. ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.